

Manual de manuais: Elementos de análise do discurso / A Textbook of Textbooks: Elements of Discourse Analysis

Jean Cristtus Portela*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar semioticamente a obra *Elementos de análise do discurso*, de José Luiz Fiorin, como um “manual de manuais”, isto é, um manual didático que reúne características prototípicas da prática didática de manuais universitários e que marcou um modo de pensar e ensinar a semiótica discursiva no Brasil. Partindo da análise de textos integrados à prática editorial, como o título da obra, sua capa e a apresentação do autor, chegou-se ao inventário e à análise dos segmentos textuais concebidos pelo enunciador do manual no âmbito da prática didática, como a exemplificação e a explicação teóricas. A leitura aqui proposta busca colocar em evidência e compreender a originalidade e a atualidade dessa obra que completou 26 anos em 2015 e que desempenhou um papel estratégico na formação de várias gerações de semioticistas e analistas do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Manual; Práticas; Didática; Semiótica discursiva; José Luiz Fiorin

ABSTRACT

This paper aims to analyze, from a semiotic perspective, José Luiz Fiorin's book Elementos de Análise do Discurso [Elements of Discourse Analysis] as a “textbook of textbooks,” i.e., a textbook that gathers prototypical characteristics of teaching activities in undergraduate textbooks. Besides, it establishes a way to think and to teach the semiotics of discourse in Brazil. Starting from the analysis of the texts pertaining to the publishing activity, such as the book title, its cover, and the author's presentation, I came to an inventory and an analysis of the textual segments related to teaching that were conceived by the textbook enunciator, such as theoretical exemplification and explanation. The reading suggested here seeks to put in evidence and to understand the originality and the contemporaneity of the book, which turned 26 years old in 2015 and has played a strategic education role for many generations of semioticians and discourse analysts.

KEYWORDS: Textbook; Practices; Didactics; Semiotics of Discourse; José Luiz Fiorin

* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, Araraquara, São Paulo, Brasil; CNPq, Brasília, Brasil; jean@fclar.unesp.br

1 Ler *Elementos*

Elementos de análise do discurso (EAD) é o terceiro livro de José Luiz Fiorin, tendo sido editado no ano seguinte a *Linguagem e ideologia* (FIORIN, 1988a) e a *O regime de 1964: discurso e ideologia* (FIORIN, 1988b). Publicado em março de 1989, *EAD* completou 26 anos em 2015 e conheceu, até 2014, 15 edições. Para a análise aqui proposta, será utilizada a 11ª edição de *EAD*, de 2002, que mantém essencialmente as características da primeira edição. A 13ª edição, de 2005, creditada, na capa, como “revista e ampliada”, e que apresenta alterações na diagramação, na capa e em alguns trechos, será utilizada, quando oportuno, para cotejo, ainda que suas alterações não sejam, na maior parte dos casos, realmente substanciais¹.

Por ser essencialmente um manual didático, voltado a um público de nível médio e de nível superior, especialmente a este último, era de se esperar que *EAD* se limitasse a reproduzir e a explicar os elementos da teoria semiótica discursiva, apresentada por Fiorin como teoria de “análise do discurso”. No entanto, à medida que o autor apresenta sua “análise do discurso” por meio dos patamares do percurso gerativo greimasiano, vêm à tona algumas escolhas e concepções muito singulares e atuais e que se tornaram marca registrada do legado intelectual de José Luiz Fiorin. É essa a hipótese que guiará esta leitura de *EAD* e que procurarei demonstrar. Aparentemente às avessas, ao invés de buscar esclarecer um livro à luz de toda uma obra, corro aqui o risco de buscar iluminar a obra à luz pálida e parcial do livro.

Compreender semioticamente um manual didático, como tive ocasião de sugerir em outros trabalhos (PORTELA, 2007, 2008), é concebê-lo como uma semiótica-objeto complexa, cujo nível do texto-enunciado é recuperado e ressignificado por diferentes práticas semióticas mais ou menos autônomas (FONTANILLE, 2008), no presente caso, as práticas didática e editorial. Neste trabalho, portanto, será a prática didática, mais do que o texto-enunciado, o objeto privilegiado das nossas reflexões.

Um aspecto determinante a se considerar na análise de um manual didático é como sua prática didática se assenta na aspectualização da competência presumida do enunciatário, adaptando as sequências explicativas e ilustrativas a uma competência

¹ A título de exemplo: a 11ª edição, como todas as demais que lhe são anteriores, tem 93 páginas, enquanto a 13ª tem 126, o que se explica, essencialmente, pela mudança na diagramação e não por um acréscimo importante de texto.

prévia – e a ser construída – em nível introdutório, básico ou avançado. A nomenclatura da competencialização visada altera-se de manual para manual e, muitas vezes, sobretudo nos manuais universitários, não é explicitada em uma série clara e progressiva, deixando-se apreender por características próprias às coleções em que são publicados ou pelo modo como o enunciador apresenta seu projeto de formação; por outro lado, em manuais do ensino básico, a segmentação por ano escolar dá origem a uma aspectualização da competencialização que exerce um papel coercitivo mais explícito no texto-enunciado de cada manual didático tomado individualmente.

O enunciador do manual produz um texto chamado de didático justamente porque enuncia – porque age ou intervém com palavras, pode-se dizer – na cena predicativa da prática didática. Esse mesmo texto é, pelo que tem de didático, integrado à prática editorial, cuja finalidade é colocá-lo em circulação entre um público o mais abrangente possível, ao mesmo tempo em que o promove pelas suas especificidades.

Partindo da análise de paratextos (GENETTE, 2009) integrados à prática editorial, como o título da obra, sua capa e a apresentação do autor, chegarei ao inventário e à análise dos segmentos textuais concebidos pelo enunciador do manual no âmbito da prática didática, como a exemplificação e a explicação teóricas. Eis o percurso de análise que empreenderei a seguir.

1.1 Um título “concessivo”

O título de *EAD* nunca deixou os semioticistas indiferentes. Ao longo de suas páginas, salvo engano, não aparece, nenhuma vez, o lexema “semiótica”, embora toda a semiótica ali esteja. Em contrapartida, em *EAD* a lexia “Análise do discurso” e o lexema “Retórica”, aparecem, respectivamente, 4 e 9 vezes.

EAD me ajudou a confirmar uma vocação para a semiótica e, ao mesmo tempo, exigiu moderação na obsessão por um paraíso acarpetado de semiótica e semioticistas – o que hoje me parece uma visão absurda. Greimasiano dogmático e obtuso (obtusidade porque dogmático) que eu fui nos meus primeiros anos de aprendizagem, eu compreendia o título de *EAD* como uma espécie de concessão.

A concessão, segundo essa minha primeira leitura ou desleitura, era obra de infidelidade ou, no mínimo, de “fidelidade e mudança”, como nos sugere A. J. Greimas

na introdução do segundo volume de *Sobre o sentido* (GREIMAS, 2014, p.17). Muitos anos depois, quando comecei a compreender o cenário em que a semiótica estava e está inserida, quando comecei a orientar meus primeiros alunos e a dimensionar o papel da semiótica nos programas de linguística e no seio das teorias do discurso, entendi que a escolha desse título – ou melhor, desse projeto ético – pode ter redimido a semiótica entre nós, pois garantiu que os seus ensinamentos chegassem a um público amplo que a semiótica discursiva jamais teve, por exemplo, na França.

No lugar de Elementos de semiótica, por exemplo, Fiorin optou por *Elementos de análise do discurso*, ou seja, escolheu o hiperônimo, o termo mais abrangente que contém e define a natureza da semiótica, que não é outra coisa, como sabemos, senão uma metodologia de análise do discurso. Assumir uma posição “ecumênica” no que diz respeito à designação da disciplina que apresenta e neutralizar as diferenças teóricas em prol de um projeto de legibilidade do discurso é, como veremos adiante, se recusar a classificar a semiótica como “a” teoria do discurso, como o próprio Fiorin esclarece na introdução de *EAD* (FIORIN, 2002, p.10).

A escolha desse título parece ter sido presidida pela concessão, mas não pela concessão em seu sentido de renúncia, de deserção, mas no sentido que lhe dá Claude Zilberberg (2011), para quem a concessão é o domínio do sobrevir, do imprevisível, é o registro surpreendente do acontecimento que estilhaça em inúmeras promessas ou possibilidades os fatos e certezas tão monótonos que a implicação produz.

É nesse sentido que se pode dizer que *EAD* recebeu um título não implicativo. A implicação teria produzido um previsível “Elementos de semiótica”, saída que hoje me parece fácil, simplista, sectária, pouco estratégica. A concessão do título *EAD* foi a escolha ambígua, difícil e inusitada, que se baseou em uma escolha pragmática (é preciso alcançar um público mais amplo) e programática (não somos moscas brancas, *avis rara*, somos “gente de discurso”).

1.2 Manual prototípico

É provável que *EAD* seja o manual de semiótica discursiva mais vendido, adotado e comentado de que se tem notícia no Brasil, ao lado do igualmente clássico manual de Barros (1990). Nenhum manual de semiótica entre nós provavelmente alcançou tantas

edições (15 edições até 2014, ao passo que o manual de Barros (1990) teve 5 edições até 2011) e figurou em tantas bibliografias de artigos, monografias, teses e concursos. A hipótese de que o número de edições de uma obra (sem contar o de reimpressões) possa dizer algo sobre sua circulação editorial e aceitação em uma dada cultura científica parece razoável, mas restaria por comprovar a partir de um estudo editorial e comercial detalhado sobre a tiragem e o intervalo precisos das sucessivas edições, o que, como se sabe, no que depender das informações fornecidas por editoras, talvez não redunde em um trabalho totalmente preciso.

Em que sentido se pode pensar que *Elementos* é um “manual de manuais”? Em primeiro lugar, devido a suas diversas peculiaridades:

- (1) *EAD* é o nosso primeiro manual de semiótica para um público não somente universitário;
- (2) *EAD* não se limita a ensinar a semiótica, ele revela uma forma autoral de pensar a semiótica como teoria do discurso. Prova disso é a organização dos capítulos da obra, que compreende tão somente capítulos sobre a sintaxe e a semântica discursivas *lato sensu*, enquanto a maior parte dos manuais apresenta sumários que declinam cada patamar do percurso gerativo;
- (3) Em *EAD*, o nível narrativo é apresentado sempre a serviço do nível discursivo, que, por sua vez, marcha no riscado da enunciação, amparada por um projeto retórico;
- (4) A obra rejeita as ideias elitistas e superficiais de “florilégio” (FIORIN, 2002, p.10) e “ornato” retórico (FIORIN, 2002, p.62), que ainda grassam, com outros nomes, no ensino de língua e literatura, defendendo a competencialização do leitor por meio do domínio da gramática do discurso e de seus mecanismos;
- (5) Sua exemplificação é ao mesmo tempo erudita e popular, solene e jovem, escolar e pessoal.

Em segundo lugar, *EAD* pode ser considerado um “manual de manuais” devido ao caráter modelar, prototípico, que adquiriu entre nós e que apresenta no confronto com outros manuais de semiótica publicados antes e depois dele, no Brasil e no exterior. *EAD* prolonga uma tradição de manuais de semiótica discursiva que remonta a Joseph Courtés (1976), Groupe d’Entrevernes (1979), Anne Hénault (1979, 1983), Mônica Rector (1979), Desiderio Blanco e Raul Bueno (1980) e Diana Luz Pessoa de Barros (1988). Ao

mesmo tempo, como primeiro de seu gênero entre nós e no mundo, como “chefe de fila”, para usar um galicismo, lança as bases de um tipo de manual de semiótica que ensina semiótica não como mera finalidade, mas como meio para aumentar a competência interpretativa do leitor.

2 Paratextos editoriais

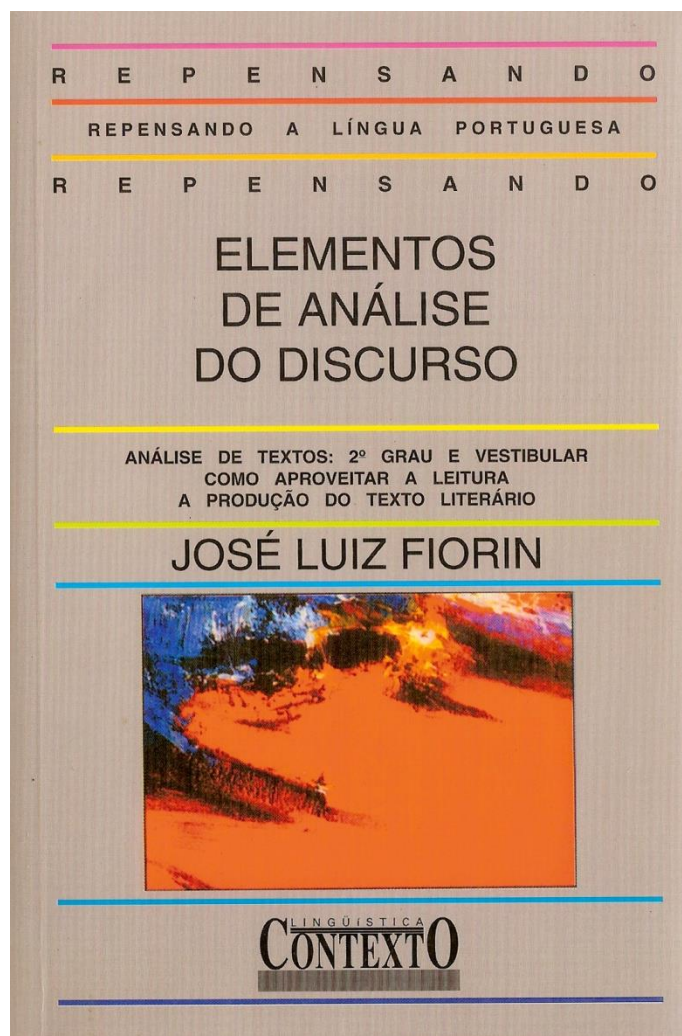
2. 1 A capa

EAD, como todo produto editorial, sofre as coerções da prática editorial, que o introduz numa dada coleção (Repensando a Língua Portuguesa), que, por sua vez, apresenta uma visada editorial própria (objetivo, público, identidade visual, organização paratextual, número de páginas, entre outros).

É possível ler *EAD* tão somente no nível do texto enunciado, o que nos permitiria descarnar o livro de sua materialidade e de sua circulação, mas podemos, ainda que brevemente, lê-lo à luz da relação entre textos, objetos-suporte e práticas (FONTANILLE, 2008).

Essa abordagem nos leva a algumas reflexões sobre o modo como a capa do livro, que mantém com seu miolo uma relação de tipo continente/conteúdo, representado/apresentado, cumpre a função de verdadeiro invólucro em que se inscrevem os elementos gerais e essenciais da identificação (natureza e finalidade), da destinação (relação enunciator-enunciatário) e do uso (dimensão persuasiva e incitativa).

Na edição que analisamos, na parte superior da capa, temos a identificação da coleção, que é seguida pelo título da obra. Abaixo do título, entre o título e o nome do autor, temos elementos textuais que podem ser lidos como uma espécie de subtítulo da obra, mas que sabemos realmente que não o são, pois constituem uma enumeração, um temário pertinente à obra, sem ligação propriamente sintática entre os sintagmas, que são predominantemente nominais:



Capa da 11ª edição de *Elementos de análise do discurso* (FIORIN, 2002)

Essas “chamadas”, que fazem apelo a um leitor ou a um grupo mais ou menos heterogêneo, precisam e aspecializam simultânea e diferentemente:

(1) a identidade do enunciatário, jovem colegial, vestibulando, cuja competência resta por construir, imperfectiva;

(2) a finalidade do enunciador, que reúne as duas pontas do processo de compreensão dos textos: *leitura*, ou seja, interpretação, e *produção*, sendo detentor do saber englobante e estabilizado, acabado, perfectivo.

Tudo se passa como se o inacabamento da formação fosse equilibrado pelo acabamento do projeto metodológico de competencialização.

“Como aproveitar a leitura”, único sintagma manifestadamente verbal, mais do que um programa narrativo, é um contraprograma, pois nos faz supor que há formas de

ler que não apresentam proveito ou ainda todo proveito que delas se espera, daí a necessidade de aprender “como aproveitar a leitura”.

Do ponto de vista da capa como objeto-suporte de inscrição, se a consideramos em suas propriedades formais, essas frases ocupam um espaço de dupla proeminência: elas ocupam a primeira capa e, além disso, a faixa topológica intercalada entre o título e o autor, que são seus elementos intercalantes.

O projeto editorial não dá margem a dúvidas: sua natureza é didática, seu público é o escolar, seu propósito é a competencialização ou autocompetencialização. E é por isso, aparentemente, que o enunciador da prática editorial vai inscrever as especificações textuais na zona intercalada, que é a zona de mediação, por assim dizer, entre obra e autor. Entre obra e autor, o leitor e suas necessidades e fraquezas.

“A produção do texto literário” está longe de ser um enunciado inocente, na medida em que se estabelece uma triagem importante no âmbito da competencialização. O texto literário é aquele que não se oferece facilmente à compreensão na prática do ensino de língua materna, é aquele também que tem um papel fundamental no êxito no vestibular, é aquele, finalmente, que goza de prestígio na cultura e que, mais importante ainda, faz parte da sensibilidade analítica do enunciador dito José Luiz Fiorin e baliza a prática didática que rege o texto do manual.

2.2 O autor no seu texto

Em *EAD*, o primeiro texto a que o leitor tem acesso, que se intitula “O autor no contexto”, é a apresentação do autor, feita em terceira pessoa, com algumas inserções de discurso direto entre aspas, na forma de uma entrevista narrada, como um “perfil” jornalístico.

“O autor no Contexto”, que constitui uma seção fixa em todas as obras editadas na coleção *Repensando a Língua Portuguesa*, nos apresenta a dimensão humana do aspirante ao curso de direito que conheceu os descaminhos da vida, do missionário do ensino que erra pelo interior, do interiorano homem do mundo que vai de Araraquara a Paris (quantos, depois dele, já não refizeram essa ponte aérea emblemática!), do homem que bebe, que torce, que lê, que julga e se engaja, que se emociona, que lança um olhar

maduro sobre o percurso percorrido, lírico *bon vivant* e ao mesmo tempo militante politicamente, desencantado encantador.

Longe de procurar discorrer apenas sobre a competência cognitiva do enunciador de *EAD*, essa apresentação constrói um ator de grande densidade passional:

O autor no contexto

(1) JOSÉ LUIZ FIORIN é de Birigui, estado de São Paulo. Pretendia estudar Direito no Largo São Francisco, mas os azares² da vida prenderam-no no interior. cursou Letras na Faculdade de Penápolis, tomando gosto pelo magistério. Lecionou em Penápolis, Piacatu, Birigui, Distrito de Roteiro, Guaraçai e São Paulo. Das andanças pelo ensino lembra, bem humorado, quase ter sido processado pela mãe de uma aluna por ter lido, em classe, um trecho de *A carne*. E comovido³ lembra também de ter ensinado, no Distrito de Roteiro, região de imigrantes, Português a adultos, que até então só falavam Japonês.

(2) Transferido, por concurso, para São Paulo, fez mestrado e doutorado em Linguística, na USP. Em 1980 lecionou em Araraquara⁴ e em 1983 fez estágio de aperfeiçoamento científico⁵ sob a supervisão do prof. Algirdas Julien Greimas, na École de [sic]⁶ Hautes Etudes en Sciences Sociales.⁷

(3) Além⁸ de vários artigos, escreveu, entre outras, as obras *Semiótica da cultura, arte e arquitetura* (EDUC) [sic]⁹; *O regime de 1964: discurso e ideologia* (Atual); e *Linguagem e ideologia* (Ática).¹⁰

(4) A linguagem o atrai em todas as suas modalidades “desde a conversa com os amigos, de preferência num bar, acompanhada de cerveja”¹¹ até o cinema, a literatura, o teatro que não tem, necessariamente que ser de alta qualidade¹². Adora, por exemplo, romance policial, música popular

² “Caminhos”, na 13ª edição, que tomamos como contraponto pelo “enxugamento subjetivo” que propõe.

³ Supressão de “comovido”, na 13ª edição.

⁴ “Lecionou em Araraquara, na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp - Universidade do Estado (sic) de São Paulo”, na 13ª edição.

⁵ “Pós-doutorado”, na 13ª edição.

⁶ Corrigido para “des”, na 13ª edição.

⁷ Trecho acrescentado à 13ª edição: “No ano letivo de 1991 e 1992, ensinou Português na Universidade de Bucareste, na Romênia”.

⁸ Parágrafo inteiramente reformulado na 13ª edição: “Além de artigos e capítulos de livros, escreveu, entre outros, as obras *O regime de 1964: discurso e ideologia*; *Linguagem e ideologia*; *As astúcias da enunciação*: as categorias de pessoa, espaço e tempo; *Para entender o texto*: leitura e redação; *Lições de texto*: leitura e redação (os dois últimos em parceria com Francisco Platão Savioli). Organizou, entre outros, os livros *Introdução à linguística. I. Objetos teóricos e Introdução à linguística. II. Princípios de análise*, ambos da Editora Contexto”.

⁹ Essa informação, que apareceu desde 1989 até pelo menos 2002, não está correta. Trata-se do ensaio *Semiótica da cultura*, que aparece em OLIVEIRA, A. C.; SANTAELLA, L. (Org.) *Semiótica da cultura, arte e arquitetura*. 1. ed. São Paulo: EDUC, 1987, v.1, p.67-78.

¹⁰ Na sequência, parágrafo acrescentado à 13ª edição: “De 2000 a 2004, foi membro do Conselho Deliberativo do CNPq e, de 1995 a 1999, foi representante da área de Letras e Linguística na Capes”.

¹¹ Consta “de cerveja ou de caipirinha”, na 13ª edição.

¹² Supressão de “[...] *que não tem necessariamente, que ser de alta qualidade*”, na 13ª edição (grifo nosso).

e é palmeirense roxo, embora confesse que há vários anos o time venha lhe brindando¹³ mais com decepções do que com alegrias.

(5) Pensa ter chegado à idade do realismo, “em que se aprende a conviver com os limites”. E acredita que isso é um problema de geração: “minha geração conviveu com a certeza da mudança e o desencanto com a repressão”.¹⁴ Cita os versos de Alex Polaris:

*Nossa geração teve pouco tempo,
começou pelo fim
mas foi bela nossa procura
ah! moça, como foi bela nossa procura
mesmo com tanta ilusão perdida
quebrada, mesmo com tanto caco de sonho
onde até hoje
a gente se corta!*

(6) Atualmente é professor do Departamento de Linguística da USP. (FIORIN, 2002, p.7-8)

Eis o ator José Luiz Fiorin retratado em seu “contexto”, por meio de uma narrativa de aquisição de competência, que apresenta cada etapa de um verdadeiro percurso de aprendizado – a vocação (§1), a aquisição de experiência (§1, 2 e 5), o reconhecimento na forma de publicações e autoridade (§3 e 6).

2. 3 As epígrafes

EAD compõe-se de uma introdução e quatro capítulos: 1. Por que uma semântica do discurso?; 2. Percurso gerativo do sentido; 3. Sintaxe Discursiva; e 4. Semântica Discursiva. A consequência dessa segmentação, que coloca em proeminência o nível discursivo em detrimento dos demais níveis do percurso gerativo do sentido, será retomada quando tratarmos, mais adiante, das relações entre leitura e isotopia (cf. seção 4.3).

Os capítulos de *EAD* possuem quase todos epígrafes de João Cabral, salvo o capítulo 2, que se vale de uma epígrafe de Dante, no original italiano (FIORIN, 2002, p.15), pequeno capricho de um apaixonado pela *Divina comédia*: “Le cose tutte quante/ hanno ordine tra loro, e questo è forma/ che l’universo a Dio fa simigliante”.

¹³ “Confesse que nos últimos anos o time o tenha brindado”, na 13ª edição.

¹⁴ “E o desencanto com o que se chama o fim das utopias”, na 13ª edição.

As epígrafes de João Cabral manifestam tematicamente e narrativamente os momentos-chave da reflexão teórica de *EAD*. Eis a epígrafe do capítulo 1, chamado Por que uma semântica do discurso? (FIORIN, 2002, p.11):

Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

Essa epígrafe figurativiza no rio, na água e em suas desventuras, os temas da impossibilidade de significar por uma unidade isolada, da necessidade de integração e dinamismo, da passagem, em suma, da morfologia à sintaxe e, finalmente, ao discurso.

Já como epígrafe ao capítulo 3, Sintaxe discursiva (FIORIN, 2002, p.39), temos:

um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único,
em que tem voz a seca que ele combate.

Aqui, figurativizam-se as ligações, sobreposições, dominância de elementos, a enunciação no pendular que lhe é próprio, entre unidade e fragmentação.

No capítulo 4, Semântica discursiva (FIORIN, 2002, p.63), o ciclo se encerra:

Fazer com que a palavra frouxa
ao corpo da coisa adira:
fundi-la em coisa, espessa, sólida,
capaz de chocar com a contígua.

Não deixar que saliente fale:
sim, obrigada à disciplina
de proferir a fala anônima,
comum a todas de uma linha.

Essas figuras remetem às relações entre manifestante e manifestado, à coerência dos meios expressivos, sua coesão e homogeneidade, à noção de recursividade e de semelhança entre tipos e famílias.

Temos nessas três epígrafes todo um programa de semiótica: à figuratividade poética subjaz a figuralidade teórica que Fiorin soube encontrar em João Cabral e que escolheu trabalhar em seu manual.

3 Exemplaridade do exemplo

3.1 Os primeiros exemplos... para os alunos

Os primeiros exemplos de *EAD* dão forma clara ao seu enunciatório, o jovem estudante:

[ao falar sobre o nível mais profundo] (por exemplo, a aprovação no vestibular e a arca da aliança, no filme “Os caçadores da arca perdida”, significam a mesma coisa num nível mais profundo, *poder fazer*: no primeiro caso, poder fazer um curso superior, no segundo, poder vencer os inimigos) (FIORIN, 2002, p.13).

[ao falar sobre a diversidade da manifestação] o conteúdo da telenovela é manifestado, ao mesmo tempo, por um plano de expressão verbal, por um visual, etc. (FIORIN, 2002, p.14).

Esses primeiros, despretensiosos e sedutores exemplos (vestibular, Indiana Jones e telenovela), baseados na vida cotidiana, são figuras que remetem ao enunciatório “aluno”, que, por sua vez, aparece 6 vezes como ator inscrito no enunciado na página 9, primeira página do manual (FIORIN, 2002, p.9; sem itálico no original):

- (1) “A escola ensina os *alunos* a ler e a escrever”;
- (2) “(o professor) pede que os *alunos* escrevam”;
- (3) “perguntas que não representam nenhum desafio intelectual ao *aluno*”;
- (4) “Se o *aluno* lhe pergunta”;
- (5) “Não basta recomendar que o *aluno*”;
- (6) “Assim como ensinamos aos *alunos*”.

3. 2 Sagrado e profano

De uma página a outra, o enunciador vai do exemplo bíblico da tentação de Cristo no deserto (FIORIN, 2002, p.24) ao desvelamento do segredo em o *Assassinato no Expresso Oriente*, de Agatha Christie (p.25). Da cultura religiosa àquela de massa, Fiorin busca sensibilizar seu enunciatário em relação ao poder heurístico da semiótica discursiva, enquanto coloca no mesmo patamar de objetos analisáveis e, portanto, questionáveis, o texto literário e o religioso.

3.3 O amante de poesia

Da página 30 a 37, Fiorin apresenta um caleidoscópio de épocas, estilos e línguas poéticas: Drummond (retomado na p.88), Augusto Meyer, Oswald de Andrade, Paul Verlaine, Cruz e Souza, P. B. Shelley, T. S. Elliot e Walt Whitman. E nas páginas 45 e 49, respectivamente, Raimundo Correia e Bilac, é claro, com direito a Machado sonetista na p.63; além de Casimiro de Abreu (p.76), Bandeira (p.78), João Cabral (p.84) e Cassiano Ricardo (p.86). Vem também ao socorro, já no final da obra, o português esperado e sempre tocante: Camões, lírico e épico, nas páginas 87, 90 e 91.

3.4 Professor-leitor

No exemplário de prosa, encontramos o Machado de *Memórias póstumas* (p.26, p.60, p.66, p.68, p.73) e *Memorial de Aires* (p.50, p.58, p.59), o Guimarães Rosa de *Grande sertão: veredas* (p.43), Raul Pompéia (p.44), o Graciliano de *Vidas secas* (p.47 e p.72), o Monteiro Lobato (p.56) do atualmente polêmico *Negrinha*, José Cândido de Carvalho (p.61), José de Alencar (p.70 e p.80, de *Senhora* e *O Guarani*) e Aluísio de Azevedo (p.71 e p.91).

Alguns outros exemplos, em prosa e em poesia, indicam escolhas bem pessoais, seja pelo tipo de texto, seja pelo autor escolhido, como no caso de José Júlio da Silva Ramos (p.15, extraído de *Florilégio nacional*, de Antônio Lages), Gil Vicente (p.25), Maquiavel (p.53), Walnice Nogueira Galvão (p.74) e La Fontaine (p.81).

3. 5 Humor

Um exemplo particularmente curioso é aquele da “história engraçada”, da piada sobre a correspondência da “Gentil Senhora” com o “Pastor”, em que a senhora pergunta-lhe onde fica o W.C. da casa de verão que gostaria de alugar e o pastor, dono da casa, entende que W.C. é a igreja White Chapel:

Gentil Senhora.

Tenho prazer de comunicar-lhe que o local de seu interesse fica a 12km da casa. É muito cômodo, sobretudo se se tem o hábito de ir lá frequentemente; nesse caso, é preferível levar comida para passar lá o dia inteiro. Alguns vão a pé, outros de bicicleta. Há lugar para quatrocentas pessoas sentadas e cem em pé; recomenda-se chegar cedo para arrumar lugar sentado, pois os assentos são de veludo. As crianças sentam-se ao lado dos adultos e todos cantam em coro. Na entrada é distribuída uma folha de papel para cada um; no entanto, se chegar depois da distribuição, pode-se usar a folha do vizinho ao lado. Tal folha deve ser restituída à saída para poder ser usada durante um mês. Existem ampliadores de som. Tudo o que se recolhe é para as crianças pobres da região. Fotógrafos especiais tiram fotografias para os jornais da cidade a fim de que todos possam ver seus semelhantes no desempenho de um dever tão humano (FIORIN, 2002, p.82-3).

Como eu desejei que esse exemplo divertido viesse no começo da obra, no lugar do “Apólogo dos dois escudos”, de José Júlio da Silva Ramos (p.15). Caprichos de leitor inquieto, atrevido. Obviamente, devido a uma questão de ritmo semântico na escolha dos exemplos, essa piada, no que diz respeito ao seu emprego estratégico, tem virtudes mais terminativas do que incoativas e dificilmente viria como primeiro exemplo de um manual do gênero, no qual a responsabilidade frente ao cânone é patente.

4. Florilégio semiótico

A seguir, apresento um breve florilégio de *Elementos*, seleta comentada das passagens mais notáveis e mais citadas da obra, tão repetidas que não sei se nos damos conta da sua profundidade e potencial explicativos.

4. 1 O texto contra “a” teoria

Em uma época de relativo rigor formal da teoria semiótica discursiva, *EAD* opta por tratar “alguns elementos da gramática do discurso” de tão somente “uns dos projetos teóricos de análise discursiva”, em sua sintaxe e semântica, nos moldes do percurso gerativo do sentido, colocando entre parênteses, provisoriamente, sem entretanto ignorar a sua existência, o tratamento cultural e sócio-histórico do texto, também chamado (significativamente) de “dialógico”:

O texto pode ser abordado de dois pontos de vista complementares. De um lado, podem-se analisar os mecanismos sintáticos e semânticos responsáveis pela produção do sentido; de outro, pode-se compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos. Neste livro, pretendemos tratar apenas de alguns elementos da gramática do discurso. As determinações ideológicas que incidem sobre a linguagem foram por nós analisadas em outros livros, que constam da bibliografia. *Nosso objetivo não é apresentar “a” teoria da análise do discurso, mas um dos projetos teóricos de análise discursiva que hoje se desenvolvem.* Outros projetos com essa mesma finalidade estão em andamento. Cada um deles tem virtudes e limites. Por isso, neste livro, não está “a” verdade, mas “uma” das muitas verdades a respeito da linguagem, fenômeno “multiforme e heteróclito”, que tem desafiado o homem de todas as épocas e de todos os lugares (FIORIN, 2002, p.10, grifo nosso).

Colocar em pauta a natureza dialógica do texto em semiótica é algo que nunca se tinha feito nos manuais de semiótica discursiva até *EAD* e que se fará ao longo de toda a obra de Fiorin. Em *EAD*, o texto é definido pela sua complexidade, como objeto que transcende os limites da teoria e que nos impede até mesmo de conceber “a” teoria onipotente para a sua análise. Esse cuidado em relativizar o papel da semiótica entre as demais abordagens do discurso é um espécie de papel ético que o enunciador assume, procurando neutralizar as posições extremadas do que é bom ou ruim, do que convém e do que não convém na análise de textos.

4. 2 O próprio da semiótica

Se o texto é definido como sendo maior que a teoria, não se relativiza, no entanto, a compreensão da semântica do discurso tal qual a concebeu Greimas, nos moldes da definição do *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p.433-4):

Para Greimas, uma Semântica deve ser:

- a) *gerativa*, ou seja, deve estabelecer modelos que apreendam os níveis de invariância crescente do sentido de tal forma que se perceba que diferentes elementos do nível de superfície podem significar a mesma coisa num nível mais profundo [...];
- b) *sintagmática*, isto é, deve explicar não as unidades lexicais que entram na feitura das frases, mas a produção e a interpretação do discurso;
- c) *geral*, ou seja, deve ter como postulado a unicidade do sentido, que pode ser manifestado por diferentes planos de expressão (por um de cada vez ou por vários deles ao mesmo tempo: por exemplo, o conteúdo /negação/ pode ser manifestado por um plano de expressão verbal ‘não’ ou por um gesto como ‘repetidos movimentos horizontais da cabeça’) [...] (FIORIN, 2002, p.13).

Gerativo, sintagmático e geral, profundo e superficial, manifesto em planos de conteúdo e expressão, o percurso gerativo do sentido é apresentado ao enunciatário como um projeto de rigor, em todas as suas especificidades.

A sintaxe e a semântica dos patamares do percurso gerativo, eixos de apresentação de *EAD*, são valorizadas como maneiras de passar da singularidade (autônoma, relacional) à pluralidade (variação de investimentos semânticos):

A sintaxe dos diversos patamares do percurso tem também um caráter conceptual, o que significa que cada combinatória de formas produz um determinado sentido. A distinção entre sintaxe e semântica não decorre do fato de que uma seja significativa e a outra não, mas de que a sintaxe é mais autônoma do que a semântica, na medida em que uma mesma relação sintática pode receber uma variedade imensa de investimentos semânticos (FIORIN, 2002, p.18).

O caráter de orquestrado *work in progress* do sentido é assegurado pelo ir e vir entre uma sintaxe, que estrutura os níveis do percurso, e uma semântica, que se encarrega do seu preenchimento em termos de modalidades, figuras, temas e valores.

4.3 Leitura e isotopia na “análise do discurso”

O problema da leitura ou da análise de textos é exposto em EAD nos termos que marcaram a reflexão semiótica e, especialmente, naqueles que fundaram as críticas que a teoria recebeu. A gramática do discurso, para Fiorin, assemelha-se, *grosso modo*, a uma teoria da leitura¹⁵, mas “não de toda e qualquer leitura”:

Inúmeras vezes ouvimos dizer que o texto é aberto e que, por isso, qualquer interpretação de um texto é válida. Quando se diz que um texto está aberto para várias leituras, isso significa que ele admite mais de uma e não toda e qualquer leitura. Qual é a diferença? As diversas leituras que o texto aceita já estão nele inscritas como possibilidades. Isso quer dizer que o texto que admite múltiplas interpretações possui indicadores dessa polissemia. Assim, as várias leituras não se fazem a partir do arbítrio do leitor, mas das virtualidades significativas presentes no texto (2002, p 81).

Obra mais ou menos aberta, da qual é possível precisar os limites e a construção polissêmica, o texto na semiótica discursiva é submetido a parâmetros de validação da interpretação. Essas considerações atuam como uma espécie de contraprograma estratégico que responde aos programas de crítica e depreciação da teoria. O enunciador de *EAD* revela conhecer o cenário científico e institucional em que se insere sua apresentação da semiótica e busca competencializar seu leitor-enunciatário, descortinando e antecipando outros horizontes problemáticos e críticos.

Não por acaso, quando se fala em leitura, a isotopia será o conceito a definir e a defender como ferramenta de desambiguação, permitindo ao analista determinar planos de leituras e tipos de texto:

O conceito de isotopia é extremamente importante para a *análise do discurso*, pois permite determinar o(s) plano(s) de leitura dos textos, controlar a interpretação dos textos pluri-significativos e definir os mecanismos de construção de certos tipos de discurso, como, por exemplo, o humorístico (FIORIN, 2002, p.86, grifo nosso).

E isso porque o princípio isotópico funda-se, como sabemos, na reiteração semântica:

¹⁵ Essa concepção seria apresentada, anos depois, por Bertrand (2001).

Em *análise do discurso*, isotopia é a recorrência do mesmo traço semântico ao longo de um texto (FIORIN, 2002, p.81, grifo nosso).

[...] A recorrência de traços semânticos estabelece a leitura que deve ser feita do texto. Essa leitura não provém da fantasia do leitor, mas está inscrita no texto (FIORIN, 2002, p.82).

Antídoto contra a leitura que avança *ad libitum*, que se faz por meio de exercício livre e fantasioso do leitor, a análise isotópica nos impede de tudo dizer sobre o que lemos, na medida em que procura tirar consequências do discurso nos limites da sua própria construção. Tal ênfase sobre a isotopia revela, de algum modo, um partido tomado em *EAD* pela análise do nível discursivo, o que a própria organização da obra, em seu sumário, já sustenta, a julgar pela inexistência de um capítulo que aborde especificamente os componentes narrativos dos textos. Em *EAD*, o nível narrativo é absorvido pela semântica discursiva em sentido amplo, que passa a ser não só a semântica do nível discursivo propriamente dito, mas a semântica geral do discurso.

Nos trechos citados, não ficamos indiferentes à menção insistente da lexia “análise do discurso”, que aparecerá em muitas outras passagens de *EAD*. Essa tentativa de apresentar a semiótica discursiva como teoria do discurso, que é algo tão caro a Fiorin, não deve ter passado despercebida para os analistas do discurso *stricto sensu* de sua época.

4.4 Enunciação e Retórica

Uma das inovações mais contundentes de *EAD* é integrar os mecanismos retóricos à sintaxe do discurso, ou seja, à enunciação. Essa integração, que surgiria no domínio francófono no final dos anos 1990, não estava codificada na vulgata greimasiana dos anos 1980 e muito menos nos manuais de semiótica discursiva anteriores.

Esse diálogo precoce com a retórica não parece nascer apenas da erudição de José Luiz Fiorin, mas da construção de um enunciador que busca intervir na prática didática do seu tempo, que explorava as figuras retóricas mais correntes como estratégias de leitura do texto. Desse modo, é quase natural, especialmente para um enunciador que quer ser posicionar sob a égide da mistura e da inclusão teóricas e metodológicas, que se tenha procurado semiotizar aquilo que se fazia correntemente no ensino.

[Em *O coronel e o lobisomem*] O acordo entre enunciado e enunciação funda a previsibilidade, a normalidade, a certeza, a não contraditoriedade, enquanto o desacordo constitui o terreno da imprevisibilidade, da incerteza, da anormalidade, da labilidade, da contraditoriedade.

Desse ponto de vista, os mecanismos retóricos não são ornatos que se possam suprimir, mas constituem uma maneira insubstituível de dizer. Aliás, não deveriam ser chamados figuras, mas procedimentos, mecanismos (FIORIN, 2002, p.62).

A recusa das simples figuras, em detrimento de mecanismos ou procedimentos, é algo que Fiorin perseguirá, décadas depois, de modo mais intenso em obras como *Figuras de retórica* (FIORIN, 2014) e *Argumentação* (FIORIN, 2015). Em *EAD*, esse projeto se apresenta em germe, mas já com todas as suas linhas mestras de argumentação.

EAD propõe uma classificação de figuras (ou melhor, de “mecanismos”) de pensamento que se estabiliza a partir das oposições entre o que se inscreve no enunciado e o que se assume na enunciação. Essas oposições entre enunciado e enunciação são tidas como categóricas (a afirmação e a negação) ou graduais (o mais e o menos). Tratamento tensivo *avant la lettre*, com seus aumentos e diminuições, esse modo de encarar os mecanismos retóricos tem o objetivo de os colocar a serviço de um enunciador ciente dos seus meios e dos seus objetivos:

Como essas figuras retóricas são usadas como estratégia de persuasão, não há nenhum interesse em apreender figuras isoladas como fazem os manuais escolares. O que importa é mostrar sua função na economia geral de produção de sentido de um texto (FIORIN, 2002, p.55).

No âmbito das oposições categóricas temos a ironia, a lítotes, a preterição e a reticência, para ficar no inventário proposto em *EAD*. Já no domínio das oposições graduais, temos o eufemismo e a hipérbole. Sejam as oposições discretas ou contínuas, vê-se claramente a intenção do enunciador Fiorin de introduzir na leitura das figuras de retórica gradientes, limiares e tensões que controlam a existência semiótica das grandezas que se atualizam e realizam nas operações retóricas.

5 Para concluir: buscar a busca

Neste trabalho, procurei demonstrar que sob a aparente simplicidade de manual best-seller de *Elementos* há um programa de semiótica completo, original e atual. Esse programa foi, de várias maneiras e em diversas obras, desenvolvido por José Luiz Fiorin ao longo dos últimos 26 anos.

A presente análise de *EAD* buscou explicitar um projeto intelectual, nos 1980 ainda em germe, que deu provas de vigor e coerência, assentando-se na abertura teórica e no interesse pela dimensão enunciativa (e, consequentemente, retórica) do discurso.

Quando observo detidamente o modo como Fiorin se inscreveu na história da semiótica brasileira, sendo uma referência para os semioticistas greimasianos, ao mesmo tempo em que leu e divulgou Bakhtin (BARROS; FIORIN, 1994, FIORIN, 2006) e se engajou como poucos no projeto retórico (FIORIN, 2014, 2015), não posso deixar de pensar em uma afirmação atribuída a Matsuo Bashô: “Não sigo o caminho dos antigos: busco o que eles buscaram” (*apud* PAZ, 1996, p.156). Buscar a busca dos antigos: eis o projeto científico e ético que José Luiz Fiorin perseguiu em *EAD* e ao longo de toda a sua obra.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.
- _____. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- _____; FIORIN, J. L. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Trad. Grupo CASA. Bauru, SP: Edusc, 2011.
- BLANCO, D.; BUENO, R. *Metodología del análisis semiótico*. Peru: Universidad de Lima, 1980.
- COURTÉS, J. *Introduction à la sémiotique narrative et discursive*. Paris: Hachette, 1976.
- GREIMAS, A. J. Introdução. In: _____. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Trad. Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin-EDUSP, 2014, p.17-29.
- _____; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988a.
- _____. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988b.

- _____. *Elementos de análise do discurso*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- _____. *Elementos de análise do discurso*. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- _____. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- FONTANILLE, J. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. Trad. Maria Lúcia V. P. Diniz et al. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (Org.). *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: Unesp/FAAC, 2008a, p.15-74.
- GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- GROUPE D'ENTREVERNES. *Analyse sémiotique des textes : introduction – théorie – pratique*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1979.
- HÉNAULT, A. *Narratologie, sémiotique générale: les enjeux de la sémiotique 2*. Paris: PUF, 1983.
- HÉNAULT, A. *Les enjeux de la sémiotique: introduction à la sémiotique générale*. Paris: PUF, 1979.
- PAZ, O. *Signos em rotação*. 3. ed. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- PORTELA, J. C. *Práticas didáticas: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana*. 2008. 181 p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- _____. Práticas didáticas: modos e estilos adaptativos. In: CORASSA, M. A.; REBOUÇAS, M. M. (Orgs.). *Anais do III Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Semióticos*. Vitória: CDPOINT, 2007. CD-ROM.
- RECTOR, M. *Para ler Greimas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- ZILBERBERG, C. *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. Ivã C. Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

Recebido em 08/06/2015

Aprovado em 14/08/2015